

nosa fee real em nosso nome e dos ditos nossos socesores de teer e mâteer esta nossa carta de doaçom ao dito Lopo dAlmeida e erdeiros por lhe fazermos graça e merce pellos muitos seruiços que delle temos recebidos como dito he. E por esta mandamos ao nosso contador da dita comarqua que faça registrar esta nossa carta em os liuros dos contos della pera per o dito registo se recadar o dito foro em cada hũu ano e se saber em todo tempo como esto temos dado e outorgado ao dito Lopo dAlmeida e erdeiros e elle tenha por sua guarda esta nosa carta, per nos asynada e asellada do nosso sello pendiente. Dante em a nossa mui nobre e sempre leal cidade de Lixboa — G^o Roiz a fez — ano de nacimiento de nosso Senhor Ihũ X^o de mill e iiij^o lxbij annos.

(D. Affonso V, *Doações*, L.^o 28, fol. 10).

SOUSA VITERBO.

Cousas arabico-portuguesas

1. A inscripção arabe do cofre da Sé de Braga

Com este titulo publicámos anteriormente n-*O Archeologo* (I, 273) um artigo que, por conter algumas inexactidões, vamos rectificar. Affirmámos que esta inscripção ainda não tinha sido publicada no seu original; ora ella já o havia sido pelo Sr. Don Rodrigo Amador de los Rios no seu trabalho *Memoria acerca de algunas inscripciones arábicas de España y Portugal*, pag. 281. A leitura da inscripção tambem está incorrecta numa palavra e incompleta noutra. O Sr. Amador de los Rios lê *يدى* onde nós lemos *لدى*, e não ha dúvida de que a sua é a verdadeira; o *ي* d'esta palavra tem no original a fórma de um *ل*, como nas outras palavras *يمن* etc., alem de que é fórma muito corrente nas inscripções. A palavra seguinte é por este Sr. lida *الفتا* (por *الفتى*), no que concordo plenamente, porque o original não o contradiz. Parece-nos inutil dizer que *مسعادة* (como no nosso texto impresso) por *سعادة* é um erro de impressão, que nos escapou na revisão das provas.

Seja-nos permitido agora fazer algumas ligeiras observações ao texto tal qual foi publicado pelo Sr. Amador de los Rios. Este Sr. repete a palavra *الله* depois de *أعزه الله* separando-as por ponteados indicando uma lacuna no original; ora a inscripção é contínua nessa parte, sem interrupção de texto, nem tão pouco de sentido. O mesmo Sr. lê *امر يعمله* (mas nós *بعمله*); ora isto parece-nos incorrecto porque o verbo *امر* se construe ou com *ب* ou com *أن* e conjunctivo, assim *امر بعمله* ou *امر ان يعمله*. Tambem lê este Sr. *العامرى*;

não ha dúvida de que S. Ex.^a tem razão, e escusado é dizer porquê, mas a inscripção não permite tal leitura. O ع é nella inicial, igual ao de على e de اعز و não ao de سعادة e de بعلمه; não ha vestígios de آل, é verdade, porque a quebra se deu justamente junto ao ع, mas este não tem a fôrma que deveria ter se tivesse junto o artigo.

Tambem contestámos ao Sr. Soromenho base para as suas inferencias historicas no que respeitava á identificação d'este Seifadaula, mas agora estamos convencidos de que o que elle diz é verdadeiro; mas as razões d'esta nossa mudança não estão no seu artigo, para o qual mantemos o que dissemos, mas sim porque o Sr. Amador de los Rios publica no mesmo trabalho duas outras inscripções de cofres. Ora na do cofre da Sé de Pamplona (pag. 282) vem todo o nome d'este Seifadaula, i. e., Seifadaula Abdelmélique Benalmançor; e porque o estylo d'elles é o mesmo.

A nossa traducção tem de ser ligeiramente alterada. A difficuldade está só na traducção da phrase على يدي que occorre frequentemente em documentos epigraphicos. O Sr. Amador traduz: «bajo la dirección»; mas o Sr. Codera, de Madrid, que nos fez favor de escrever á cêrca do caso, traduz de outro modo: «á costa de», sustentando esta sua interpretação num artigo de que S. Ex.^a nos mandou uma separata. No primeiro momento pareceu-nos esta traducção boa, e assim o communicámos áquelle Sr., mas hoje não propendemos muito para tal, ainda que nos não satisfazem completamente as outras, incluindo a nossa. A sua traducção diz: «..... felicidad y fortuna (sean) para el hachib Çeifodaulah de lo que fué mandado hacer á costa de», e é talvez um pouco estranho que o individuo offerente se exprima d'aquelle modo. A minha é a seguinte: «Em nome de Deus. A benção de Deus, felicidade e fortuna sejam com o hágibe Seifadaula —glorifique-o Deus!— por ter mandado fazer esta obra ao seu servidor amirita».

O Sr. Amador traduziu esta última parte assim: «..... Esto es de lo que mandó se hiciera bajo la dirección del paje (ó servidor) el amirita».

2. Inscripção lapidar arabe existente no Museu Districtal de Beja

A pedra tem os bordos bastante damnificados, e no angulo superior da direita soffreu uma pequena quebra. A inscripção é em cufico e bem gravada. A ella se faz referencia n-*O Arch. Port.*, II, 175.

Diz assim em caracteres vulgares:

[بسم الله الرحمن الرحيم
 رحيم وصلى الله على محمد
 هاذا قبر محمد بن مفي
 ؟[على بن حود رحمه الله
 توفي يوم الاحد في ربيع
 لاول سنة احدا وستين
 وخمس مائة

A traducção é:

Em nome de Deus clemente, misericordioso; e Deus abençõe Mohamede. Esta sepultura é de Mohamede filho de filho de Hude, Deus tenha compaixão d'elle. Morreu em uma segunda-feira do (mês) de rabí primeiro, do anno um e sessenta e quinhentos [561].

(I. e., quarta-feira, 5 de Janeiro de 1166 de J. C.).

Esta inscripção é, pois, em vista da data, já do tempo do dominio português; porque foi em 1162 que os christãos se assenhorearam de Beja. Cf. A. Herculano, *Historia de Portugal*, I, pag. 399.

3. Inscripção de Mertola, pertencente ao Museu Ethnographico Português

Esta inscripção (cf. *O Arch. Port.*, I, 221) está incompleta na parte esquerda, faltando-lhe para o fim um pedaço indicado pela ausencia de ponteados. Só pudemos ler algumas palavras; outrem mais perito conseguirá ler mais.

بسم الله الرحمن
 هاذا قبر.....

Traducção:

Em nome de Deus clemente Esta sepultura

¹ Por احدى.

4. Inscripção de Friellas (arrabalde de Lisboa)

[Na casa de campo do Sr. Castanheira das Neves. Estudada numa photographia do Sr. José C. das Neves].



الدائم! الله
 ترحم
 بفضلك يا
 واقفا وانظر
 مكانا دفعة
 الله هو....

Traducção:

Deus é eterno. Sê compassivo com o teu [bem] superfluo, ó tu que me estás vendo, e contempla um lugar que é um dom do proprio Deus

¹ Pareceu-nos dever ler assim; mas não estamos bem certo da nossa leitura.

5. Inscrição de Goa

(No atrio da Sociedade de Geographia de Lisboa)

Esta inscripção foi trazida de Goa pelo Sr. Conselheiro Ferreira do Amaral, Presidente da Sociedade de Geographia, com o relicario de Affonso de Albuquerque, e a viga lavrada do palacio dos Viso-Reis. É uma lapide de marmore branco; os caracteres arabicos são magnificamente gravados. Da parte ornamental da lapide nada diremos por não termos competencia para isso; nem nos foi possivel obter a gravura d'ella para até certo ponto supprirmos tal deficiencia. A inscripção é anterior a 1562: e serviu de campa a uma sepultura, porque do lado opposto ha uma inscripção portuguesa que diz assim: *Esta sepultura é de Rvi Freire e jaz nella sva molher que faleceo na era de 1562*. Deve, sem dúbida, ter pertencido a alguma mesquita de Goa durante o dominio muçulmano. Esta cidade foi tomada ao rei de Bisnagá pelo da dynastia Bahmanida em 1469, e, por acabamento d'esta, passou ao Hidalção até ao anno de 1512 em que Affonso de Albuquerque definitivamente a senhoreou. A inscripção arabe não tem um só dado historico directo, mas apenas versiculos do Alcorão.

1. بسم الله الرحمان الرحيم*

2. لا اله الا الله الحى القيوم لا تاخذه سنة ولا نوم له ما فى السموات وما فى الارض من ذا الذى يشفع عنده الا باذنه يعلم ما بين ايديهم وما خلفهم ولا يحيطون بشئ من علمه الا بما شاء وسع كرسيه السموات* 3. والارض ولا يوده حفظهما وهو العلى العظيم لا اكره فى الدين قد تبين الرشد من الغى فمن يكفر بالطاغوت ويؤمن بالله فقد استمسك بالعروة الوثقى لا انفصام لها والله سميع عليم*
4. امن الرسول بما انزل اليه من ربه والمؤمنون كل آمن بالله وملائكته وكتبه ورسله لا نفرق بين احد من رسله وقالوا سمعنا واطعنا غفرانك ربنا واليك المصير لا يكلف الله نفسا الا وسعها لها ما كسبت وعليها ما كسبت ربنا* 5. لا تواخذنا ان نسينا او اخطانا ربنا ولا تحمل عليها اصرا كما حملته على الذين من قبلنا ربنا ولا نحملنا ما لا طاقة لنا به واعف عنا واغفر لنا وارحنا انت مولانا فانصرنا على القوم الكافرين*

6. يبسترهم رتبهم برجة منه ورضوان وجنت لهم فيها نعيم مقيم
 7. خالدين فيها ابدا ان الله عنده اجر عظيم*
 8. وقل رب انزلني منزلا مباركا وانت خير المنزلين*
 9. شهد الله انه لا اله الا هو والملائكة واولو العلم قائما بالقسط لا اله الا هو العزيز الحكيم ان الدين عند الله الاسلام وما اختلف الذين اوتوا الكتاب الا من بعد ما جاءهم العلم بغيا بينهم ومن يكفر بايات الله فان الله سريع الحساب*

Traducção:

«1. Em nome de Deus clemente, misericordioso. [*Princípio de todos os capitulos ou suras do Alcorão*].

2. Não ha mais que um Deus vivo, eterno. Não ha somno que o domine. Elle é senhor do que está nos céus e na terra. Quem póde interceder junto d'elle sem a sua permissão? Elle sabe o que existirá depois dos homens, e o que existiu antes d'elles: os homens só sabem o que elle quer. O seu solio é formado pelos céus 3. e pela terra; e para rege-los não precisa esforço, porque elle é o Deus sublime, grande. [*Alcorão, cap. II, vers. 256*]. Não forceis á crença, pois o caminho da virtude é bem distincto do do êrro; e aquelle que renega os idolos, e crê em Deus, em verdade, segura um esteio inquebravel, porque Deus tudo ouve e sabe. [*Alcorão, II, 257*].

4. O Propheta acreditou no que o Senhor lhe revelou; e todos os crentes acreditaram em Deus, nos seus anjos, nos livros santos e nos prophetas sem differença entre elles. Elles disseram: Senhor, nós te escutámos e temos obedecido; concede-nos o teu perdão, Senhor, porque todos iremos para ti no dia final! [*Alcorão, II, 285*]. Deus só obriga segundo o que póde cada um; e este terá por si o seu bom procedimento e contra si o mau. 5. Senhor, não nos castigues se nos esquecermos ou pecarmos; não nos opprimas com o fardo com que opprimiste os nossos paes; não nos opprimas superiormente ás nossas forças; perdoa-nos, sê-nos indulgente, sê compassivo, porque tu és nosso amo: faze-nos vencedores dos infieis! [*Alcorão, II, 286*].

6. O Senhor promete-lhes [aos fieis] a sua misericordia, contentamento e jardins [do Paraizo] em que reinará a bemaventurança eterna; [*Alcorão, IX, 22*]. 7. em que elles viverão eternamente: a recompensa de Deus é immensa! [*Alcorão, IX, 23*].

8. E dize ao Senhor: abençoa o meu desembarque [de Noé, depois do abaixamento das aguas do diluvio] porque tu és o melhor guia. [*Alcorão, XXIII, 30*].

9. Deus testemunhou que não ha outro senão elle; e os anjos, e os sapientes em verdade são constantes em affirmar que não ha mais que elle, poderoso, sabio. [*Alcorão*, III, 16]. A crença em Deus é o islamismo; aquelles que receberam o Livro [Santo] só o negaram depois que o saber os illuminou, e foi este que os levou ao êrro; e aquelle que renegar a palavra de Deus, Deus o renegará. [*Alcorão*, III, 17].

DAVID LOPES.

Necropole neolithica do valle de S. Martinho

1. Notícia descriptiva.—Fôrma dos monumentos

Num mato, propriedade do Sr. Manuel Joaquim de Oliveira, a uns dois kilometros a NE. da villa de Sintra, no sitio que chamam o valle de S. Martinho, descobriram-se, ao fazer-se alli uma sorriba, algumas ossadas humanas; junto d'essas ossadas acharam-se fragmentos de ceramica do typo conhecido das estações neolithicas, alguns rolos de calcareo semelhantes aos que foram encontrados nas estações prehistoricas de Licêa e de Bellas¹, e muitos calhaus rolados, alguns de grandes dimensões, tudo envolvido na terra até mais de 1 metro de profundidade.

O Sr. Dr. Alfredo Bensaude, tendo tido conhecimento d'estes factos, communicou-os ao director do Museu Ethnographico Português, a quem apresentou o Sr. Oliveira. Este cedeu amavelmente para o Museu os objetos que havia recolhido, e permittiu no seu terreno as explorações que por conta do Museu depois se fizeram, e de que o presente artigo dá conta; alem d'isso ministrou valiosos esclarecimentos: por tudo isto merêce a nossa mais sincera gratidão.

As explorações foram começadas avançando a excavação segundo o córte que alli se havia já feito no terreno, continuando a descobrirem-se ossos humanos, restos de ceramica do typo de que fallámos, e algumas armas e instrumentos neolithicos.

A presença das ossadas humanas numa área consideravel de terreno, coexistindo com o mobiliario neolithico, revelava a existencia naquelle local de uma necropole d'aquelle periodo lithico, mas de que não restava sequer a mais pequena noticia na tradição.

¹ Carlos Ribeiro, *Estudos prehistoricos em Portugal*.